A IGREJA PEREGRINA

Artur Peregrino

O Espírito Santo disse-lhes: Separem para mim Barnabé e Saulo, a fim de fazerem o trabalho para o qual eu os chamei (At 13,2).

1. A Igreja nasce no caminho

Como ser Igreja no Primeiro Século do cristianismo? Como ser Igreja no início do Terceiro Milênio? É um desafio viver no século XXI.

O desafio da cultura parece ter sido uma questão central para o apóstolo Paulo. Estamos cansados de escutar que somos desafiados pela cultura de nossa época. Como diminuir o fosso entre fé e cultura? Um desafio para Paulo era exatamente como anunciar Jesus no contexto da cultura grega. Esta era, de fato, muito diferente da tradição judaica de onde provinha o cristianismo. Paulo anunciou Jesus de maneira cativante. Falou de uma maneira que entusiasmou quem o escutava e presenciava seu testemunho de vida. A partir do caminho, Paulo dialogou e conquistou muitos corações. Ao mesmo tempo, ele viveu uma intensa espiritualidade do conflito. Deixemos que o caminho nos fale nesse momento.

1.1. O caminho

O autor que escreveu a grande obra do Terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, que possivelmente foi Lucas, companheiro de Paulo, foi mais que um historiador. Ele foi um teólogo cristão dos primeiros tempos. Ele descreve de maneira lapidar, com muita riqueza, as primeiras missões itinerantes do cristianismo nascente e, conseqüentemente, o surgimento das primeiras comunidades cristãs. Lucas escreveu o livro dos Atos dos Apóstolos entre os anos 80 e 90, dirigindo-se às comunidades cristãs que se organizavam cada vez mais desligadas da tradição judaica, e cada vez mais perseguidas pelo Império Romano.

A Igreja de Jesus nasce no caminho. O autor dos Atos dos Apóstolos nos informa que foi na cidade de Antioquia, na atual Turquia, perto do Líbano, que os seguidores de Jesus começaram a ser chamados de *cristãos* (At 11,26).

> Atos 11,25-26: *Barnabé foi, então, para Tarso em busca de Saulo. E o encontrou e levou para Antioquia. Passaram um ano inteiro trabalhando juntos nessa igreja, e instruíram muita gente. Foi em Antioquia que os discípulos receberam, pela primeira vez, o nome de "cristãos".*

Antes eram chamados de *discípulos* (At 6,1), o que quer dizer, ao pé da letra, *alunos* ou *estudantes*. E no livro dos Atos, nove vezes, são chamados simplesmente *os seguidores do caminho*.

Esta expressão ocorre somente no livro dos Atos, sempre em trechos que falam das atividades do Apóstolo Paulo, ou onde o próprio Paulo fala. Seis vezes se fala simplesmente do *caminho*, por exemplo em:

> Atos 9,2: *e lhe pediu cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres que encontrasse seguindo o Caminho.*
>
> Atos 19,9: *Todavia, como alguns se obstinavam na incredulidade e falavam mal do caminho diante da multidão, Paulo rompeu com eles, separou os discípulos e, diariamente, os ensinava na escola de um homem chamado Tiranos.*
>
> Atos 19,23: *Foi nessa época que estourou um grave tumulto a respeito do Caminho.*
>
> Atos 22,4: *Persegui mortalmente este caminho, prendendo e lançando à prisão homens e mulheres.*
>
> Atos 24,14: *Confesso-lhe, porém, uma coisa: eu estou a serviço do Deus de nossos pais, segundo o Caminho, que eles chamam de seita. Acredito em tudo o que se encontra escrito nos Profetas.*
>
> Atos 24,22: *Félix estava bem informado a respeito do Caminho e adiou a causa...*

Ainda temos três versos que falam do caminho. Um verso fala do *caminho da salvação* (16,17); outro do *caminho do Senhor* (18,25); e outro do *caminho de Deus* (18,26).

Falar da vida de fé como um caminho não é novo. O Antigo Testamento fala do *caminho* como a conduta a escolher. Por exemplo, em Isaías 30,21: *...vocês ouvirão a voz (do Senhor) atrás de vocês, dizendo: O caminho certo é este, andem nele.* E os salmos falam do caminho de Deus. Por exemplo 27,11: *guia-me por um caminho seguro.*

De forma semelhante, no Novo Testamento, Jesus fala dos *caminhos da justiça* (Mt 21,32). Os fariseus o provocam dizendo: o senhor *ensina os caminhos de Deus* (Mt 22,16).

Mas é somente o livro dos Atos dos Apóstolos que fala do caminho como um nome próprio para os seguidores de Jesus.

Se este modo de falar tivesse ficado até hoje, em vez de sermos chamados de cristãos, seríamos *os do caminho*, ou, quem sabe, *os caminheiros*. Como um canto religioso popular que o povo gosta de cantar diz: "Jesus é o caminho que nos conduz a Deus / das almas peregrinas que marcham para o céu / nós somos caminheiros que marcham para a luz...

Chamar um cristão de caminheiro tem muito sentido, porque seguir Jesus é um caminho. Quando Jesus convidava alguém a trabalhar com ele, dizia: *venha comigo* ou *siga-me*. O convite não era apenas um modo de falar. Significava pôr-se a caminhar, andando com Jesus pelos caminhos da Galiléia. Pedro, falando em nome de todos os discípulos, disse a Jesus: *para seguir o senhor, deixamos tudo* (Mc 10,28), inclusive as casas onde moravam.

Nós sabemos que Jesus não tinha morada fixa. Percorria a província da Galiléia, atravessava a Samaria e foi também até Jerusalém que ficava na Judéia. Andava pelas estradas, se hospedava aqui e acolá. Por exemplo, na casa de Pedro (Mc 1,29), ou na de Simão, o leproso (Mc 14,2), ou na pensão de Marta, Maria e Lázaro (Jo 12,2).

BIBLIOTECA

Esta dimensão itinerante era uma tônica permanente na mística do cristianismo nascente. Durante três séculos, este lado do provisório estava muito presente na Igreja. Os primeiros cristãos não tinham igrejas-templos como se entende convencionalmente. Essas só começaram a ser construídas no século IV.

1.2. A Igreja doméstica

Nos primeiros tempos havia uma rede de igrejas familiares espalhadas. O que se convencionou chamar de "Igreja Doméstica". O biblista Vincent Branick, em seu livro *A Igreja Doméstica nos escritos de Paulo* (p. 9), relata-nos que, para entendermos a Igreja nascente, se faz necessário um olhar mais cuidadoso sobre a natureza da igreja doméstica. As instruções sobre a vida da Igreja, no entanto, tornam-se mais compreensíveis quando lidas a partir da perspectiva da família, ao mesmo tempo que jorra luz sobre tais grupos.

> 1Cor 1,11-13: *Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé me informaram que existem rixas entre vós. Explico-me: cada um de vós diz: 'Eu sou de Paulo!', ou 'Eu sou de Apolo!', ou 'eu sou de Cefas!', ou 'Eu sou de Cristo!' Cristo estaria dividido?*

As comunidades se reuniam nas casas, ou ao ar livre, de preferência perto do túmulo de alguém que tinha dado a vida pela causa do Evangelho. Por causa das perseguições os cristãos se reuniam às escondidas. E nesse caso a Igreja reunida, fosse aonde fosse, estaria no seguimento de Jesus, portanto no caminho. A carta aos Hebreus chega a dizer:

> *Neste mundo não temos nenhuma cidade que dura para sempre, mas procuramos a cidade que virá depois (Hb 13,14).*

Nessa mesma intuição o povo religioso do sertão gosta de cantar: *Nossa vida é uma passagem. Na cidade ou no sertão. Nossa morte é uma viagem em busca da salvação.*

A Igreja do caminho, organizada em comunidades familiares, passa a se institucionalizar num grande ambiente sagrado. A história nos conta que numa reunião ocorrida em algum período entre 360 e 370 dC um sínodo de Laodicéia proibiu a realização da eucaristia nos lares, nas famílias:

Diz o Cânon 58: *Sacrifícios não devem ser oferecidos pelos bispos ou anciãos nos lares.*

Com essa proibição de Laodicéia, a ceia do Senhor mudara-se de uma refeição noturna para um ritual estilizado. A assembléia mudara-se da sala de jantar para um salão sagrado. A liderança dos membros da família, para um clero especial. Agora, a forma original de igreja fora declarada ilegal.

O cristianismo dos primeiros tempos, desse modo, envolve a dialética entre dois conceitos de Templo, um feito de pessoas e outro feito de pedras. Tal dialética teológica opera como duas linhas divergentes de força ou vetores estabelecendo uma real direção. A Igreja doméstica do tempo do apóstolo Paulo, e até o final do século II, pode representar muito bem o primeiro vetor dessa dialética (BRANICK, 137).

2. A mística que animou o apóstolo Paulo

O grande biblista Carlos Mesters divide a vida de Paulo em quatro grandes períodos. Cada período mostra um aspecto de sua vida (MESTERS, 37-106).

1º Do nascimento aos 28 anos de idade: o judeu observante;

2º Dos 28 aos 41 anos de idade: o convertido fervoroso;

3º Dos 41 aos 53 anos de idade: o missionário itinerante;

4º Dos 53 até à morte aos 62 anos de idade: o prisioneiro (4 anos) e o organizador das comunidades (+ 5 anos).

2.1. O próprio Paulo se apresenta

Saulo e Paulo: o primeiro é um nome judaico, e o segundo é romano. Foi educado em Jerusalém, aos pés de Gamaliel (22,3; 26,4). Gamaliel está incluído na lista dos grandes rabinos. Um mestre que desempenhou papel ativo nas deliberações do Templo (5,34-39). Era um mestre respeitado e admirado. Homem que exerceu forte influência na formação dos judeus no início do século I dC.

> Rm 11,1: *Pois eu mesmo sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim.*
>
> Fl 3,5: *Circunciso no oitavo dia, da raça de Israel, hebreu, filho de hebreus.*
>
> At 26,10: *Prendi muitos cristãos com autorização dos chefes dos sacerdotes, e dei o voto para que fossem condenados à morte.*

A primeira vez que Paulo é citado, nos Atos dos Apóstolos, é na execução de Estêvão.

> At 7,58: *Arrastaram-no para fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas deixaram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo.*

Paulo é nomeado como grande perseguidor: Saulo devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão (8,3; 9,1-2).

2.2. De perseguidor a apóstolo

Paulo estava com 28 anos de idade. Tinha poder e prestígio. Em nome do Sinédrio liderava a perseguição contra os cristãos. Aí cai do cavalo e se converte.

Na Bíblia, conversão e vocação estão intimamente relacionadas. As necessidades, as injustiças e o sofrimento das pessoas tocam a sensibilidade de mulheres e homens (Mt 9,35-36).

Há um elemento importante na conversão de Paulo. Fazendo um paralelo com os evangelhos percebemos que todos falam de curas de cegos. Nos Atos não existe cura de cego porque o cego é o próprio Paulo. Esse "livrar-se" da cegueira é enxergar outras dimensões da vida. O profeta Isaías (6,9-10; 29,9-12; 42,6-7) nos fala que nos tempos messiânicos virá a abertura dos olhos dos cegos.

Nos Atos dos Apóstolos encontramos três relatos da conversão de Paulo (9,1-9; 22,1-21; 26,12-23). A insistência no fato se deve a três razões: mostrar que um judeu fiel, instruído e até fanático descobriu Jesus como o Messias prometido, e se converteu; mostrar que Paulo é apóstolo como os Doze, pois também ele teve experiência direta do Senhor ressuscitado; justificar a missão de Paulo junto aos pagãos.

É muito claro, na caminhada mística do apóstolo, que a peregrinação externa corresponde a uma peregrinação interior. Vejamos o que o próprio apóstolo diz:

> *Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de raça, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos por parte dos falsos irmãos. Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei, passei um dia e uma noite em alto-mar. Mais ainda: morto de cansaço, muitas noites sem dormir, fome e sede, muitos jejuns, com frio e sem agasalho. E isso para não contar o resto: a minha preocupação cotidiana, a atenção que tenho por todas as igrejas. Foi-me dado um espinho na carne, um anjo de satanás para me espancar, a fim de que eu não me encha de soberba. Por esse motivo, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Ele me respondeu: "para você basta a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder"* (2Cor 11,26.25.27-28; 12,7b-10).

2.3. O missionário itinerante (dos 41 anos aos 53 anos de idade)

A Bíblia fornece muitos dados sobre este período. Esse terceiro período da vida de Paulo é o mais rico de informações e mais denso.

2.3.1. Como Paulo viajava pelo mundo

Paulo levava um evangelho que vinha do mundo rural, do interior da Palestina, e precisava ser encarnado nessa nova realidade do mundo urbano. Esse desafio é grande para Paulo. Daqui para frente, esse desafio vai ocupar grande parte da vida de Paulo. Conforme os Atos dos Apóstolos esse período é marcado por três grandes viagens missionárias.

Paulo nunca viajava só, mas sempre acompanhado por algum amigo ou grupo de amigos. Temos uma grande lista de amigos que seguiram com Paulo nas suas viagens.

Na primeira viagem, foi com Barnabé e João Marcos (At 13,3.5). Na segunda, depois da briga com Barnabé, viajou com Silas (At 15,36-40) e, mais tarde, com Timóteo (At 15,1-3) e Lucas.

Paulo viajava com os amigos não só por causa da segurança, mas também pela necessidade que sentia da comunidade, mesmo viajando (igreja da/na estrada).

Paulo falava e escrevia corretamente o grego (At 21,37), a língua comum das cidades e do comércio. Falava também o hebraico (At 21,40), a língua na qual foi escrita a maior parte do Antigo Testamento. Falava também o aramaico do povo da Palestina, a língua materna de Jesus.

Presume-se que Paulo, mesmo sabendo essas línguas, encontrou dificuldades, porque existiam muitos dialetos no meio do povo. A comunicação se dava também pelo testemunho.

O apóstolo se queixava muito de um problema de saúde. O misterioso "aguilhão na carne" (2Cor 12,7). Durante a segunda viagem a doença apareceu e o obrigou a fazer uma parada. Foi quando estava atravessando a região da Galácia. Ele aproveitou a ocasião para anunciar o Evangelho. Foi assim que nasceu a comunidade dos Gálatas (Gl 4,13).

Por isso Paulo tinha preocupação com a saúde dos companheiros e sempre recomendava o cuidado. Revelava-se uma pessoa sensível e realista.

A viagem era muito exigente. Não havia as facilidades que se tem hoje. Dizia o apóstolo: *Quem não quiser trabalhar não deve comer* (2Ts 3,10). E ainda: *Vocês sabem que estas minhas mãos providenciaram o que era necessário para mim e para os que estavam comigo* (At 20,33-34). Na longa viagem era preciso parar para conseguir o sustento.

Durante as viagens Paulo mantinha contato com as comunidades através de mensageiros (Cl 4,10; 1Cor 1,11). Às vezes escrevia um tipo de carta circular, como por exemplo a 2Cor 1,1, que foi escrita para todas as comunidades da Grécia e Acaia. Pedia ainda para as comunidades trocarem entre si as cartas que dele recebiam (Cl 4,16).

Hoje é fácil escrever. Basta arrumar uma caneta e um papel.

Paulo viajava, mas não se desligava. Mantinha contato com as comunidades por ele fundadas. Paulo mandava avisar quando ia chegar na comunidade (Rm 15,23-25). Mesmo na viagem exercia várias funções que diziam respeito a todas as comunidades.

3. Partilha de uma experiência do caminho hoje

Como em matéria de espiritualidade convém "beber no próprio poço", gostaria de partilhar com os irmãos e irmãs minha própria experiência do *caminho* nesses últimos 15 anos. Peço licença para falar do meu próprio itinerário.

Faço parte de um grupo de peregrinas e peregrinos no Nordeste. É um grupo que faz caminhadas, sempre a pé e no meio do povo mais pobre do Nordeste. A experiência desse grupo iniciou em 1986. A nossa primeira peregrinação foi para o Juazeiro do Pe. Cícero no Ceará.

A motivação da peregrinação surgiu de um apelo do evangelho: *Ir às ovelhas desgarradas da casa de Israel*. O grupo surgiu com um objetivo bem claro. Viver a experiência de Deus nas estradas poeirentas do Nordeste. E para isso constituímos um grupo de leigas e leigos para nos colocar a caminho. Participam do grupo peregrinas/os do Ceará, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba (temos uns peregrinos também do Rio de Janeiro). Nos encontramos uma vez por ano para fazer nosso retiro, avaliação da peregrinação passada e planejar a próxima. Fazemos esse encontro sempre no início do ano, e se realiza na Serra da Catita, Colônia Leopoldina, em Alagoas, na Co-

munidade Contemplativa do Discípulo Amado. Um outro momento do ano é a própria peregrinação, que acontece sempre no mês de julho. E o desafio maior é permanecer peregrino durante todo o resto do ano.

O objetivo central da peregrinação é viver a experiência de Jesus no meio do povo pobre do Nordeste nos dias de hoje. É viver o casamento da eficácia histórica com a gratuidade de Deus. É fazer a experiência do deserto. Para cada peregrinação temos os nossos objetivos específicos. Lembro-me da peregrinação do Centenário de Canudos em 1997. Era viver uma espiritualidade integrada na história. Tínhamos como objetivo específico o resgate histórico da experiência de Canudos. No centenário de Canudos tentamos fazer a memória perigosa dos mártires de Canudos. O mesmo aconteceu com o tricentenário de Zumbi dos Palmares em 1995.

Para falar dos lugares das peregrinações durante estes 15 anos de caminhada é feliz recordar um hino que nós cantamos em cada comunidade visitada. Este hino vai destacando alguns dos lugares que já passamos. Vejamos:

Em busca da terra livre / de Zumbi a Conselheiro
Ontem e hoje é nossa luta / pelo fim do cativeiro, ê, ê, ê.

Pelo fim do cativeiro / a lutar com decisão
Nova Terra se conquista / pela força da união, ê, ê, ê.

Pela força da união / com Jesus à nossa frente
Indo à Serra da Barriga / vai-se a mundo diferente, ê, ê, ê.

Vai-se a mundo diferente / pois chegada é a hora
O Reino de Deus vem vindo / e o céu começa agora, ê, ê, ê.

E o céu começa agora / quando eu lembro o Conselheiro
Comungando a mesma fé / vou chegando ao Juazeiro, ê, ê, ê.

Vou chegando ao Juazeiro / caminhando sempre a pé
Vou atrás do meu padrinho / logo chego em Santa Fé, ê, ê, ê.

Logo chego em Santa Fé / a cumprir minha missão
Me ajude o Ibiapina / a chegar no Caldeirão, ê, ê, ê.

A chegar no Caldeirão / pra deixar o meu orgulho
E passar no franciscano / repousando em Quebrangulo, ê, ê, ê.

Este hino traz o aroma das estradas. Há uma dinâmica interna para a peregrinação. Muitas vezes acordamos, ainda escuro, para iniciar a caminhada. Andamos mais por estradas de barro e onde tem aglomeração de pessoas, isto é, nos sítios, vilarejos, cidades. Tudo que vemos e vivemos partilhamos no grupo. Tudo isso é levado em oração. Temos momentos fortes de celebração com as comunidades visitadas. Um destaque vale para as visitas às famílias. São momentos reveladores da presença do Senhor. Na própria peregrinação também temos momentos de trabalho. O mutirão é sempre bem-vindo. Reservamos um tempo para organizar uma roça, ou construir uma casa, ou fazer um barraco.

A experiência da peregrinação é perceber como Deus vai escrevendo sua história na nossa história. É deixar-se conduzir pela divindade. É perceber como na nossa humanidade se manifesta a divindade. O caminho nos possibilita as vivências. E as vivências nos aproximam mais do Deus que se revela como vida plena.

Essa experiência peregrina é marcante para todos que participam. Vale registrar que temos um peregrino que fez um voto de consagração à missão nas estradas. É um peregrino que passa o ano todo indo de comunidade em comunidade. Fazendo a ponte entre as comunidades. Sua missão é viver permanentemente no caminho.

O nosso querido Dom Helder Câmara, na sua sensibilidade de pastor e profeta, nos deixou uma mensagem muito pertinente a respeito do caminho. Naturalmente ele fala do seu próprio caminho.

Missão é partir,
Caminhar,
Deixar tudo,
Sair de si,
Quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso Eu.

É parar de dar volta
Ao redor de nós mesmos
Como se fôssemos o centro
Do mundo e da vida.

É não deixar-se bloquear nos problemas
Do pequeno mundo a que pertencemos:
A humanidade é maior.

Missão é sempre partir,
Mas não devorar quilômetros.

É sobretudo abrir-se ao outro como irmão,
Descobri-los e encontrá-los.

E, se para encontrá-los e amá-los
É preciso atravessar os mares
E voar lá nos céus,
Então missão é partir até os confins do mundo.



Bibliografia

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

BRANICK, Vincent. *A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo*. São Paulo: Edições Paulus, 1994.

CEBI – Centro de Estudos Bíblicos. *Comentário aos Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

Artur Peregrino
(José Artur Tavares de Brito)
Rua Tupã, 80
Casa Amarela
52280-420 Recife, PE
arturperegrino@unicap.br